



Haitianos e haitianas em Lajeado: a luta pelo reconhecimento da legitimidade de uma presença

Letícia Rossi Ortiz¹

A imigração haitiana para o Brasil data de 2010. A representação midiática do fenômeno expôs esse fluxo, que no primeiro momento entrava – indocumentado – pela tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru, como um efeito da deterioração da infraestrutura econômica do Haiti decorrente do terremoto de Janeiro de 2010 que agravou os quadros de insegurança político-econômica e humana da população. De fato, o terremoto mobilizou grande número de pessoas para o deslocamento – tanto interno quanto internacional –. Segundo Audebert (2012 *apud* Henderson, 2015) aproximadamente 350.000 haitianos partiram do Haiti rumo a terras estrangeiras no período posterior ao terremoto.

Em Lajeado, essa imigração começou a ser sentida em meados de 2013, quando os frigoríficos da região buscaram, no Acre, haitianos e haitianas para trabalharem em suas plantas produtivas. O município de Lajeado, predominantemente urbano, conta com 71.445 habitantes em uma área de pouco mais de 90 km², com população estimada para 2015 de 78.4861 habitantes (IBGE, Censo Demográfico 2010). Essa população é majoritariamente formada por descendentes de imigrantes alemães e italianos, mas também comporta descendentes de africanos e portugueses, em menor escala.

O caso de Lajeado revela-se interessante pela forte retórica acerca das imigrações histórias que pontuam o imaginário da região a cerca de si mesma. As imigrações históricas, principalmente a italiana e a alemã, passaram por processos de valorização das trajetórias migratórias e afirmação de identidade étnica que constituíram nesses dois grupos uma positivação dos migrantes históricos. O historiador Cristiano Nicolini versa sobre isso em artigo no qual demonstra o

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria



processo de constituição do Vale do Taquari. Nicolini discorre sobre a escassez de material historiográfico sobre a região. Segundo o autor, o material (livros, folders, calendários, guias turísticos, revistas, adesivos, cartões-postais, etc.) disponível provem de iniciativas particulares, de prefeituras ou de empresas que visam resgatar o passado em torno de personagens e trajetórias idealizadas, centradas ao redor de italianos e alemães como trabalhadores e empreendedores responsáveis pelo desenvolvimento da região.

A premissa dessa pesquisa, elaborada a partir de primeiras aproximações com o campo, entre Julho e Dezembro de 2016, aponta que na negociação que o grupo de haitianos empreende na cidade de Lajeado pela sua inserção – para além da busca por emprego, educação, saúde e segurança, ou seja, condições materiais de qualidade de vida que traduziriam o sucesso do projeto migratório – delineia-se também uma luta por reconhecimento que exprime por uma busca do reconhecimento da legitimidade da presença haitiana pela sociedade estabelecida. Essa busca por legitimidade da presença se expressa, principalmente, por duas vias. Primeiramente, pelo combate à visão da ilegalidade da imigração haitiana através do qual os imigrantes tentam educar a população que os recebem acerca dos acordos bilaterais Haiti-Brasil e do visto humanitário, ressaltando a todo momento que são documentados. E também, pela busca expressa por confiança.

Um desdobramento imediato dessa premissa constitui-se nas contradições teóricas inerentes a uma luta por reconhecimento sob o signo das relações raciais e da condição do imigrante de modo que uma proposição derivativa revela-se ser que qualquer luta por reconhecimento desse grupo passará tanto pela condição de imigrante dada em um contexto de um sistema internacional baseada em ideais de nacionalidade enquanto ícone do pertencimento, quanto pela constituição das relações raciais no Brasil. No entanto, trazendo-se essa premissa para o caso específico de Lajeado e tendo em mente sua conformação histórica, pergunta-se, em forma de hipótese, se em uma cidade como Lajeado, onde o imaginário popular que envolve a cidade é diretamente ligado às migrações históricas, alemã e italiana,



e o migrante é símbolo de sonho, trabalho e desenvolvimento, a diferenciação entre uma elite cristã e os imigrantes recentes não pode ser, pelo menos não abertamente em um discurso público, feita a partir dos signos de nacional *versus* imigrante, sem com que isso entre em choque com a imagem construída sobre a trajetória daquela sociedade e daquelas pessoas a partir dos ideais de italianidade e germanidade, diretamente associados à figura do imigrante, sob pena de qualificar uma contradição à própria identidade da cidade e de sua elite.

O mote “Somos todos imigrantes” permeia todos os eventos públicos das igrejas que recebem os imigrantes. As relações de alteridade fazem-se presentes, entretanto, mas penso que não – abertamente – pela oposição nacional/estrangeiro. A desconfiança materializa-se sobre outros aspectos, como o da desconfiança sentida e combatida pelos haitianos e haitianas e do questionamento do caráter jurídico-legal dessa migração. Sob essa premissa e sob essa hipótese que a pesquisa de caráter etnográfico a cerca da inserção desse grupo de imigrantes na cidade se pergunta sobre as redes que forma, sobre as relações que estabelece e sobre as negociações que empreende, delineia-se. Compreender as aproximações e as tensões entre os recém-chegados e os estabelecidos.

REFERÊNCIAS

- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- HANDERSON, Joseph. ***Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.*** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Prof. Dr. Federico Guillermo Neiburg.
- NICOLINI, Cristiano. **“Entre vales e montanhas...”: análise das representações históricas dos imigrantes e a construção da identidade regional no Vale do Taquari.** Associação Nacional de História (ANPUH). XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007.